



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA

Graciela da Silva Meirelles Leite

**O Planejamento como Prática Indispensável para Ressignificar e  
dar Sentido ao Trabalho das Professoras junto à Educação de  
Jovens e Adultos**

Porto Alegre  
2. Semestre  
2010

Graciela da Silva Meirelles Leite

**O Planejamento como Prática Indispensável para Resignificar e dar Sentido ao Trabalho das Professoras junto à Educação de Jovens e Adultos**

Trabalho de Conclusão apresentado à comissão de graduação do curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora:  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Laura Souza FONSECA

Porto Alegre  
2.Semestre  
2010

À minha família que me encorajou sempre  
que foi preciso e acompanhou minha  
caminhada na concretização de um sonho.

Ao concluir este trabalho tenho muito a agradecer...

... À pessoa que presenciou de muito perto minha luta na elaboração deste trabalho, percebendo que na estreita relação que se estabelece entre um casal, um é a alavanca do outro e pacientemente compreendeu minhas angústias: meu esposo tão amado Artur;

... À minha querida filha Maiara, que me ensina todos os dias o significado da palavra amor e enche minha vida de alegria e esperança;

... Às minhas amigas e colegas de trabalho da EMEI Ilha da Pintada, Denise e Patrícia que amorosamente tornaram viável esta conquista;

... À professora Laura Fonseca que generosamente compartilhou comigo sua sabedoria e compreensão. Manifesto todo o meu orgulho em ter tido essa orientação tão significativa e repleta de verdadeiras lições de vida;

## RESUMO

Este trabalho analisa a importância do planejamento pedagógico para um processo ensino/aprendizagem efetivo. Ao longo do texto, apresenta-se uma reflexão fundamentada nos escritos de FREIRE, GANDIN, MANATA, FONSECA, SOARES, entre outros autores, pois se acredita que uma prática progressista e engajada se materializa também no planejamento didático pedagógico, o qual é capaz de ressignificar e dar sentido ao trabalho dos professores junto à EJA. O foco do estudo são as práticas das professoras das totalidades iniciais da EJA de uma escola pública municipal de Sapucaia do Sul onde foi realizado o estágio curricular de docência do 7º semestre do curso de Pedagogia. Práticas investigadas sob a perspectiva da dialética materialista histórica, entendendo o planejamento no trabalho docente como síntese de múltiplas determinações. Neste sentido o trabalho busca, além de identificar os fatores que interferem no planejamento didático pedagógico, salienta a imprescindibilidade do seu teor político para que se conquiste ganhos de consciência (HARA, 1991) com os estudantes da EJA. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas com os sujeitos da pesquisa e a partir da análise verificaram-se que diversos fatores, como a formação das professoras, a disponibilidade de tempo para o planejamento, as condições de trabalho dessas profissionais e a relevância atribuída por elas ao planejamento pedagógico no trabalho docente interferem significativamente no ato de planejar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação de Jovens e Adultos, Planejamento Didático Pedagógico, Prática Docente na EJA

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| 1. INTRODUÇÃO .....   | 9  |
| 2. SITUANDO HISTORICAMENTE A EJA E O PLANEJAMENTO.....                          | 13 |
| 2.1 EJA .....   | 13 |
| 2.2 PLANEJAMENTO .....  | 17 |
| 3. O CONTEXTO DOS FATOS .....   | 20 |
| 4. A RELEVÂNCIA DO PLANEJAMENTO NO TRABALHO DOCENTE E O SEU TEOR POLÍTICO ..... | 23 |
| 4.1 QUADRO RESUMO DA ENTREVISTA REALIZADA COM AS PROFESSORAS DA EJA.....        | 25 |
| 4.2 ANÁLISE DAS RESPOSTAS DAS ENTREVISTAS .....                                 | 27 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: UMA EMPIRIA ENGAJADA .....                             | 35 |
| REFERÊNCIAS.....  | 38 |
| ANEXOS .....  | 40 |

## 1. INTRODUÇÃO

O estágio curricular de docência em EJA foi minha primeira experiência com esse público tão especial que são jovens e adultos. Digo especial referindo-me às especificidades que caracterizam tais estudantes: a condição de não serem mais crianças, a condição de terem sido excluídos da escola e a condição de serem, em geral, trabalhadores.

Antes mesmo de iniciar a prática, a responsabilidade envolvida em ministrar aulas para a EJA e a disposição em proporcionar atividades e momentos significativos para os estudantes jovens e adultos já me inquietavam. Além disso, os escritos do grande mestre Paulo Freire impregnavam minha mente no sentido da transformação dos sujeitos por meio de um fazer pedagógico engajado.

Durante o período de observação na escola, presenciei as atividades propostas pelos professores aos educandos daquela instituição. As aulas eram baseadas na experiência adquirida ao longo dos anos de trabalho da professora, ou seja, não foi possível identificar um projeto de trabalho em andamento, mas tarefas que os educandos precisavam cumprir, ora relacionadas à matemática, ora relacionadas à linguagem oral e escrita. Cópias de livros didáticos de EJA também foram estratégias verificadas. Não pretendo, com tal observação, desqualificar a experiência que o/a professor/a adquire com o passar dos anos de prática docente, pelo contrário, penso que esse é um fator importante na elaboração do planejamento desde que exista intencionalidade no fazer pedagógico docente.

Num primeiro olhar eu poderia dizer que as professoras pareciam alheias à realidade daquela comunidade, daqueles estudantes que estavam ali, senão em busca de uma instrução, apenas pela manutenção do seu trabalho<sup>1</sup>.

Entretanto, o contexto dos fatos é bem mais complexo e a visão de somente duas semanas de observação não poderia me dar elementos consistentes para concluir algo sobre o assunto.

Com o objetivo de identificar os fatores que interferem no planejamento didático pedagógico, destacar sua relevância no trabalho docente, assim como seu

---

<sup>1</sup> Muitos estudantes estavam matriculados na escola porque trabalhavam como garis para o município de Sapucaia do Sul em troca de cestas básicas e, por uma exigência da prefeitura, tiveram que freqüentar a EJA para continuar no trabalho.

teor político, para que cada vez mais se conquiste ganhos de consciência<sup>2</sup> junto aos estudantes da EJA e se perceba o estudante como protagonista da ação pedagógica, é que realizo esta pesquisa.

Para tanto, meu primeiro movimento foi fazer um levantamento bibliográfico inicial do que já se produziu e o que se vem produzindo atualmente sobre o tema “A prática docente nas totalidades iniciais da EJA”.

ANDRÉ (2002) identificou uma significativa preocupação com o preparo do professor para atuar nas séries iniciais do ensino fundamental, ao analisar 284 (duzentas e oitenta e quatro) dissertações e teses defendidas nos programas de pós-graduação em Educação do País, no período de 1990 a 1996; 115 (cento e quinze) artigos publicados em 10 (dez) revistas de circulação nacional e 70 (setenta) trabalhos científicos apresentados no Grupo de Trabalho (GT) Formação de Professores, da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), no período de 1990 a 1998; para a síntese do conhecimento produzido sobre o tema Formação de Professores no Brasil (1990-1998).

A autora evidenciou não só o silêncio quase total com relação à formação do professor para o ensino superior e para atuar na educação de jovens e adultos, no ensino técnico e rural, nos movimentos sociais e com crianças em situação de risco, mas também um excesso de discurso sobre o tema da formação docente e uma escassez de dados empíricos para referenciar práticas e políticas educacionais.

Esse silêncio talvez se deva ao fator mencionado por SOARES (2008) de não termos ainda diretrizes e políticas públicas específicas para a formação do profissional da EJA e a questão da própria identidade desse educador não estar claramente definida, encontrando-se em processo de construção. Penso que a abordagem sistemática do tema em questão possa contribuir para tal processo.

Analisando trabalhos do GT 18 da ANPED, encontrei um artigo sobre a tese intitulada “A Constituição da docência na educação de jovens e adultos” de LAFFIN (2007). Questionou-se no estudo quais as particularidades que configuram a constituição da docência na atuação com jovens e adultos, nos âmbitos legal, teórico e da prática pedagógica.

O artigo refere que na tese foram analisados documentos legais vinculados às diretrizes curriculares nacionais para a Educação Básica e para a formação de

---

<sup>2</sup> Regina Hara. Para a autora, conquistar ganhos de consciência implica a capacidade de refletir sobre a sua realidade e sobre seu mundo.



professores, documentos sobre a EJA, suas diretrizes curriculares, documentos institucionais e oficiais da rede municipal de Ensino sobre a concepção de docência, formação continuada, referenciais teóricos sobre a docência e a Educação de Jovens e Adultos; e, mediante questionários abertos e a técnica de grupo focal com os sujeitos da pesquisa, focalizou-se o trabalho docente na EJA e seus significados.

O artigo ainda traz dados importantes sobre a docência na EJA revelando que, na sua maioria, esses profissionais trabalhavam já há alguns anos com crianças e atualmente com crianças (no diurno) e jovens e adultos (no noturno). Revela também que a docência na EJA está marcada por uma formação pensada e materializada para crianças, uma vez que a autora não encontrou nos dados analisados, projetos formativos com uma proposta pedagógica que contemple a EJA.

Ao longo deste trabalho essa afirmação se confirma diante das respostas das professoras da EJA entrevistadas, o que revela a lentidão do processo de constituição do campo da EJA, assim como o reconhecimento de suas especificidades até mesmo por parte do professor, mesmo já tendo sido previsto há 14 anos no inciso VII, do art. 4º, da LDB 9394/96, segundo SOARES (2008), a necessidade de se atentar às características específicas dos trabalhadores matriculados nos cursos noturnos.

Ainda neste artigo, a autora destaca um aspecto fundamental que se refere ao modo como os educadores da EJA constroem alternativas para lidar com os diferentes níveis de conhecimento e de ritmos de aprendizagem no espaço da aula, ao analisar os discursos dos professores.

LOCH (2009) nos ajuda a pensar sobre isso:

Embora possa parecer que essas diferenças/heterogeneidades marquem uma dificuldade a mais para pensar o planejamento e a avaliação, podemos reverter esse pensamento hegemônico tradicional de tratar a EJA e considerar essas diferenças/diversidades na sua positividade e potencialidade. (LOCH, 2009, p19)

Minhas idéias corroboram com as de LOCH neste sentido, pois vejo a heterogeneidade como um fator agregador, complexo sim, mas que vem a somar no processo ensino/aprendizagem quando da interação estudante/**estudante** emergem trocas de experiências capazes de impulsionar a construção do conhecimento.

HADDAD na coleção “Em Aberto” com o artigo “Tendências Atuais na Educação de Jovens e Adultos” de 1992 e FONSECA na revista REVEJ@ com o

artigo “EJA: lutas e conquistas! - a luta continua: formação de professoras em EJA” de 2008 trazem contribuições relevantes em relação à historicidade da EJA, as quais serão explicitadas mais adiante no trabalho.

Com a revisão bibliográfica pude constatar que há muitos trabalhos sobre o tema “A prática docente”, mas poucos relacionados à EJA. No banco de teses e dissertações da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) não foram encontradas trabalhos sobre o tema Planejamento Pedagógico na EJA, fato que vem confirmar a necessidade de se refletir e produzir conhecimento sobre o assunto.

Acreditando no teor político da dialética materialista histórica, no sentido da ação mobilizadora deste método, que não se reduz a um método em si, mas extrapola em uma postura e em uma práxis, conforme salienta FRIGOTTO (1991), trago neste estudo tal perspectiva.

Durante o caminho da pesquisa houve o cuidado de não só conhecer o que já se produziu e o que se vem produzindo sobre o tema abordado, mas também de dar conta da sua historicidade.

Para entender o planejamento no trabalho docente como síntese de múltiplas determinações, alguns dados referentes ao contexto do fenômeno foram colhidos durante o período de estágio curricular realizado na instituição. Outra estratégia de coleta de dados utilizada foi a entrevista semiestruturada, com o objetivo de conhecer o que os entrevistados sabem e pensam sobre o tema proposto, assim como explicitar possíveis contradições da realidade evidenciando assim o caráter qualitativo da pesquisa.

## 2. SITUANDO HISTORICAMENTE A EJA E O PLANEJAMENTO

### 2.1 EJA

O campo da Educação de Jovens e Adultos tem uma longa história que não pode ser desconsiderada aqui e em nenhuma outra circunstância que se mencione a EJA, pois, como nos chama atenção GAMBOA (2007), a compreensão do fenômeno depende da recuperação de sua história para que possamos nos apropriar do processo de evolução e transformação dos fatos numa relação histórica entre o presente e o passado.

FONSECA (2008) aponta elementos importantes que nos ajudam a entender as interfaces da educação com o processo de trabalho e a economia ao longo do tempo. Ela chama atenção para as novas funções que vão se definindo para a educação escolar e profissional com as transformações das estruturas produtivas no âmbito industrial. Nesse contexto ela afirma:

Na relação trabalho e educação, apreendemos que há funcionalidade desses processos (escolar e profissional) aos diferentes padrões da acumulação na produção de superpopulação relativa, quer como exército de reserva, exército industrial de reserva, desempregadas/os estruturais, sobrantes no/do modo de produção. Por isso, há intencionalidade em excluir as classes que vivem da venda de sua força de trabalho, nos diferentes tempos históricos de uma formação humana que, ao preparar para a vida, constitua lastros formadores para a inserção no mundo do trabalho. O trabalho, em sua perspectiva ontológica, como organizador da vida é princípio educativo: o que também significa a constituição de vidas precárias a partir de imersão em processos e relações de trabalho precárias. (FONSECA, 2008, p. 77)

É possível dialogar com a autora no que tangencia a relação trabalho e educação que se estabelece no contexto desta pesquisa quando a prefeitura da cidade de Sapucaia do Sul “obriga” os trabalhadores a se matricularem na EJA para que possam continuar atuando como garis em troca de cestas básicas sem nenhum vínculo trabalhista. Diante disso alguns questionamentos são relevantes: Qual é o sentido e o significado de ir à escola sob chantagem? E por que será que os gestores comportam-se assim? As matrículas desses estudantes significam uma real preocupação com a instrução ou servem somente para aumentar dados estatísticos sobre a EJA nesse município?

Outras hipóteses podem ser levantadas; porém, pensar sobre essa realidade observando suas contradições e compartilhar essas reflexões através da minha prática docente e dessa pesquisa é o ponto principal neste momento para mim.

HADDAD (1992) salienta que a EDA (Educação de Adultos, como era chamada) é consequência das mazelas sociais que assolam a educação e a população brasileira, ou seja, uma educação não pensada/planejada para um público popular excluído da escola em seu tempo de direito.

Diante disso é preciso refletir sobre quais as intencionalidades envolvidas nesse campo de educação por parte do poder público já que, muitas vezes, essa modalidade de educação é vista pelos estudantes da EJA não como um direito que deve ser reivindicado, independente da relação idade/etapa de escolarização, mas como um favor concedido por um suposto “bondoso” gestor.

HADDAD (1987) apresenta um dado preocupante e trágico da realidade brasileira do censo de 1920: 72% da população acima de 5 anos era analfabeta. De acordo com HADDAD (1992) a educação básica de adultos, no Brasil, começa a ser reconhecida como um direito, pelo menos na legislação, a partir da década de 1930, com a destinação formal de recursos para a alfabetização de jovens e adultos concomitantemente com algumas reformas no ensino relacionadas à crescente urbanização/industrialização.

Na década de 1940 o espaço específico da educação de adultos começa a se delinear, a EDA surge no debate nacional na forma de Campanhas. No plano internacional acontece a criação da UNESCO que, desde seu início, pauta a educação de adultos e organiza as Conferências Internacionais da Educação de Adultos (CONFINTEA).

Segundo HADDAD (1987), as campanhas dos anos 1940 e 1950 fizeram cair os índices de analfabetismo para 46,7%, no ano de 1960, percentual insatisfatório que colocou em discussão a eficácia de tais ações.

FONSECA (2008) caracteriza os anos 1960 no que diz respeito ao significativo momento de reflexão que se deu no campo da alfabetização de adultos naquele momento:

A década de 1960 produziu uma ruptura teórico-metodológica nas práticas educativas brasileiras – a Educação Popular na Alfabetização de Adultos trouxe a temática da *cultura do silêncio*. Paulo Freire valorizava a palavra de milhões de brasileiros submetidos ao analfabetismo. Aproximando radicalmente cultura, educação e libertação, potencializou o grito daqueles

cuja palavra fora interdita. Organizando educandos em círculos de cultura<sup>3</sup>, a partir de situações problematizadoras, foi-se constituindo a Pedagogia do Oprimido, uma expressão filosófica, política e pedagógica da Educação iniciada por Freire, em Angicos, e disseminada pelos diferentes espaços de Cultura Popular no país (e no mundo): o diálogo para a conscientização, a leitura do mundo como pressuposto para a leitura da palavra. (FONSECA, 2008, p.81)

De acordo com HADDAD (1987) o golpe de 1964 trouxe repressão direta aos grupos e às pessoas que estavam até aquele momento nos vários trabalhos de educação popular.

Em 1967, o governo militar criou o MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), que não teve efeitos significativos, mas as experiências de alfabetização continuaram concomitantes com o exílio de Freire no Chile e na África. O ensino supletivo é regulamentado na lei 5692 do ano de 1971, assim como é mencionada a necessidade de formação adequada dos professores para essa modalidade de ensino.

O MOBRAL virou Fundação Educar em 1986 e fechou em 1990 e as ações federais esvaziaram-se, como menciona HADDAD (1992).

A Constituição de outubro de 1988 responsabilizou os poderes públicos pela oferta universal e gratuita desse nível de ensino àqueles que a ele não tiveram acesso e progressão na infância e adolescência. HADDAD (2000) ressalta que, pela primeira vez na história brasileira, conferiu-se à população jovem e adulta o direito à educação fundamental.

A respeito da LDBEN (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) – lei 9.394 de dezembro de 1996 (substitutivo Darcy Ribeiro) pode-se dialogar com MACHADO (2009), autora que traz o teor contraditório desta lei para a legalidade e legitimidade da EJA. Os vetos do presidente Fernando Henrique Cardoso a que as matrículas de EJA fossem consideradas na redistribuição dos recursos do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (FUNDEF) vão de encontro à garantia do direito explicitado nos incisos do art. 4º da LDB.

O artigo 4º diz o seguinte:

Art. 4º O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de:

---

<sup>3</sup> FREIRE, Paulo. *Educação Como Prática da Liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (p.111)

I - ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria;

II - universalização do ensino médio gratuito; (Redação dada pela Lei nº 12.061, de 2009)

III - atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino;

IV - atendimento gratuito em creches e pré-escolas às crianças de zero a seis anos de idade;

V - acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um;

VI - oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando;

VII - oferta de educação escolar regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola;

VIII - atendimento ao educando, no ensino fundamental público, por meio de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde;

IX - padrões mínimos de qualidade de ensino, definidos como a variedade e quantidade mínimas, por aluno, de insumos indispensáveis ao desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem.

X – vaga na escola pública de educação infantil ou de ensino fundamental mais próxima de sua residência a toda criança a partir do dia em que completar 4 (quatro) anos de idade. (Incluído pela Lei nº 11.700, de 2008).

A inconsistência da legislação brasileira é verificada no não cumprimento desta lei no que se refere à educação básica e à EJA. As vagas na educação infantil são insuficientes, as especificidades da EJA, na maioria das vezes, não são respeitadas e a formação específica para esse campo não é assegurada potencializando a expulsão dos estudantes da escola.

FONSECA (2008) chama atenção que, na prática o ato do presidente inviabilizou um investimento na área para a maioria dos municípios brasileiros e como um paliativo, propôs o Programa Alfabetização Solidária (PAS) – uma forma de captação de recursos da iniciativa privada com um perfil assistencialista e

descontínuo. O Programa, cujas turmas duravam cinco meses, não promoveu a alfabetização de forma efetiva.

Em relação às políticas do atual governo, FONSECA (2008) diz:

No que tange às políticas propostas pelo atual governo federal, e falando especificamente da Educação e da EJA, exceto o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica (FUNDEB) e o Piso Salarial Nacional dos Professores da Educação Básica Pública (PSPN), que se constituem em políticas de Estado, as demais têm sido executadas como políticas de governo.(...) A Educação de Jovens e Adultos é um exemplo incontestado desse aspecto desorganizador de políticas públicas de Estado, materializado em uma miríade de projetos e programas produzidos pelo atravessamento do setor não governamental (o Estado investindo no setor privado) realizando políticas de governo. Há uma miríade de programas e projetos que, desde o governo federal, são propostos para a educação de jovens e adultos, vinculados ou não à educação profissional, cito alguns: Brasil Alfabetizado, Saberes da Terra, Educando para a Liberdade, Fazendo Escola, Escola de Fábrica, Juventude Cidadã, Consórcio Social da Juventude, PRONERA, ProJovem e ProEJA. (FONSECA, 2008, p. 90 e 91)

Penso que os investimentos dedicados à EJA ainda são tímidos e, na maioria das vezes são ideologicamente boicotados pelo poder dominante. O FUNDEB, criado com o objetivo de proporcionar a elevação e redistribuição dos investimentos em educação, não cumpre sua função em relação à EJA uma vez que os recursos aplicados nesta modalidade de educação são ínfimos e suas matrículas desconsideradas.

Os esforços precisam se materializar em ações efetivas de políticas públicas consistentes em conjunto com o desenvolvimento econômico, social e cultural do nosso país. A sociedade civil também pode contribuir. Quanto mais pessoas engajadas estiverem lutando em prol da EJA, menos utópicos se tornarão os desafios em relação ao analfabetismo.

## 2.2 PLANEJAMENTO

Historicamente, o planejamento surge, conforme MANATA (2004), quando o homem começa a pensar na necessidade de sobrevivência. No momento em que a procura do alimento ou da proteção se faz presente, o ser humano começa a planejar o futuro. A autora ainda afirma que o processo de planejamento – embora de início se restringisse às idéias existentes apenas na “cabeça” das pessoas – passa a ser delineado paulatinamente, tornando-se cada dia mais necessário, até atingir a complexidade do momento atual.

No entanto, o planejamento como uma necessidade educacional surge, de acordo com LOCH (2009), com o aparecimento da escola pública a partir do século XVII, e se aprofunda na medida em que se amplia o direito à educação para todos, expresso na legislação como o acesso à educação com qualidade social “para todos”, de todas as idades.

Segundo GANDIN (1995), na década de 1960, o planejamento da educação se consagrou nos meios governamentais e acadêmicos brasileiros. Passou a ser obrigatório fazer planos para trabalhar em escola, mas os únicos modelos de que se dispunham eram os que vigoravam na economia e em algumas empresas. Quase sem adaptação, esses modelos passam a ser empregados no sistema educacional.

Nesse mesmo sentido LOCH (2009) ressalta que a prática do planejamento calcada nas tradições cartesianas e positivistas constituintes do pensamento ocidental moderno principalmente pelo caráter neutro, a-histórico, a-político, normativo, universal e que se renovam nos avanços do pensamento neoliberal é bem reconhecida.

Em contraposição a esse modo hegemônico de pensar o planejamento, surgem as propostas com ênfase no planejamento participativo e que acolhem as diferentes concepções de linguagem, realidade, formas de subjetivação e propõem um currículo interdisciplinar, pluri ou transdisciplinar em que as diferenças e a heterogeneidade têm caráter de positividade. No Brasil, pode-se citar FREIRE como exemplo com a proposta dos temas geradores para a EJA.

É preciso –e é isso que se tentará fazer aqui – refletir sobre os interesses envolvidos no fato de os professores não conseguirem planejar aulas desafiadoras aos estudantes da EJA e, conseqüentemente não formem cidadãos com clareza política sobre os fatos da sociedade. A quem interessa que as trabalhadoras professoras envolvam-se em sessenta horas na escola e não tenham tempo para lutar por seus direitos?

Diante dessa breve exposição do caráter histórico dos fatos investigados é possível inferir, mesmo sem a coleta de dados, como se foi delineando o processo de composição do fenômeno estudado e refutar a idéia de culpabilização do professor por tudo o que não vai bem na educação.

ARROYO (2007) nos ajuda a pensar sobre o assunto quando observa que, a Educação de Jovens e Adultos é um campo ainda não consolidado nas áreas de pesquisa, de políticas públicas e diretrizes educacionais, da formação de



educadores e intervenções pedagógicas. Ele ainda menciona que um campo aberto a qualquer cultivo e sementeira será sempre indefinido e exposto a intervenções passageiras e pode-se tornar um campo desprofissionalizado e de amadores. Isso vem ao encontro dos meus questionamentos em relação à realidade encontrada na instituição mencionada no que tangencia a prática e o planejamento docente ou a falta deste.

### 3. O CONTEXTO DOS FATOS

O espaço da pesquisa é uma escola Municipal de Ensino Fundamental localizada na cidade de Sapucaia do Sul, na Região Metropolitana de Porto Alegre onde realizei o estágio curricular de docência em EJA. Trata-se de uma instituição de médio porte, localizada numa zona periférica da cidade.

Frequentaram as aulas, em média, 12 alunos com idades entre 14 e 64 anos. Em sua maioria eram trabalhadores, algumas donas de casa aposentadas e um garoto que, conforme relato da professora titular da turma “incomodava” no turno da manhã, então foi transferido para o turno da noite com os adultos.

Um fato que chamou minha atenção foi que muitos alunos retornaram à escola em função do trabalho, ou seja, a grande maioria trabalhava na limpeza urbana em troca de cestas básicas distribuídas pela prefeitura; porém, a prefeitura exigiu que os trabalhadores estivessem matriculados na EJA para continuarem no “projeto”.

Eu soube disso por meio das falas dos próprios alunos, que chegavam cansados em dia de trabalho, mas nenhum deles relatou isso quando perguntados sobre a importância do estudo. A meu ver a resposta dessas pessoas deveria ser que a volta à escola era importante para, pelo menos manter o trabalho, no entanto, a maioria respondeu que seria para arrumar um emprego melhor ou melhorar de vida, o que é totalmente compreensível, pois a sociedade trata qualquer serviço de limpeza como algo degradante. Eles tinham resistência em explicar o que faziam: várias alunas me disseram que trabalhavam na prefeitura, mas não conseguiam me dizer no quê.

A professora titular da turma, formada no magistério, estava cursando a faculdade de pedagogia à distância. Ela trabalha há seis anos com a EJA e é diretora nos outros dois turnos em outra escola da cidade, ou seja, trabalha 60 horas semanais. Segundo entrevista realizada na época do estágio – 2009/2 –, ela afirmou que partia da realidade dos alunos para planejar, seguindo a linha teórica de Paulo Freire e utilizando debates, palestras, vídeos, visitas e reportagens em suas aulas.

Entretanto, observando sua prática durante duas semanas, verifiquei o uso de textos descontextualizados tirados de livros didáticos e muitas continhas

passadas no quadro, sem nenhuma intervenção coletiva no sentido da ampliação do conhecimento. A impressão que eu tive era a de que os alunos estavam ali somente para “treinar” o que já haviam aprendido em algum momento da sua vida escolar. Não havia desafios para o educando, nem um compromisso político verificável.

Neste momento me coloquei no lugar daqueles cidadãos estudantes que estavam ali, muitos não por vontade própria, mas por uma imposição do trabalho e pensei que, justamente por esse motivo, propor situações de aprendizagens significativas a esses sujeitos torna-se indispensável no trabalho docente para que o gosto pelo aprender seja retomado para uns e mantido para outros, para que ganhos de consciência sejam promovidos, para que os saberes dos alunos sejam valorizados, enfim para que esse aluno seja respeitado.

O primeiro pensamento que me veio à mente foi a imprescindibilidade do planejamento didático pedagógico no fazer docente para ressignificar, dar sentido ao trabalho dos educadores junto à EJA e, conseqüentemente o fato de aquela professora não ter consciência disso.

Iniciadas as aulas do estágio tive um contato maior com o grupo de professoras da EJA daquela escola na sala dos professores.

Presenciei vários diálogos em relação à precariedade das condições do trabalho relacionadas ao salário, à longa jornada de trabalho que algumas se submetiam a favor do aumento da renda para o sustento da família, ao acúmulo de tarefas, já que tinham muitas turmas para dar conta, sem falar no estado de cansaço visível que algumas se encontravam no turno da noite, depois de um dia inteiro de trabalho.

Esses fatos, entre outros, fizeram-me pensar na possibilidade de não só a professora titular da minha turma, mas também de outras não realizarem um planejamento desafiador por falta de consciência de sua importância, mas porque, talvez, estivessem impossibilitadas de fazê-lo de modo eficiente (que seja capaz de produzir um efeito real cumprindo efetivamente as funções da escola que é a de não só formar o ser humano, mas também propiciar situações que promovam a construção do conhecimento), por um ou vários outros motivos, os quais pretendo investigar nesta pesquisa.

A experiência de estágio foi uma via de mão dupla para mim porque concomitantemente eu entendia a realidade, angústias e limitações dos professores

da EJA, e conhecia e me encantava por aquele público carente de compreensão, de instrução, de visão política e, ao mesmo tempo, cheio de esperança. Esperança de aprender, de se tornar independente, de melhorar as condições de vida através de um trabalho melhor remunerado, de ter uma vida social ativa ou de se divertir.

Vir para a escola, superando todos os obstáculos que a vida impõe a esses sujeitos (trabalho, filhos, marido, cansaço...) é uma conquista diária que deve ser valorizada por todos. Os estudantes da EJA têm constantemente seus direitos violados uma vez que retorna para uma escola não planejada para ele e ainda é destituído da possibilidade de intervir na sociedade de forma efetiva.

#### 4. A RELEVÂNCIA DO PLANEJAMENTO NO TRABALHO DOCENTE E O SEU TEOR POLÍTICO

O planejamento pedagógico, assim como a prática docente, envolve escolhas: ou se planeja de forma conservadora ou de forma crítico progressista. Exponho essa totalidade acreditando no poder mobilizador dessa última opção fazendo a crítica na linha do que diz Freire (1996, p. 22): “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.”

O planejamento é mais do que uma simples tarefa do trabalho do educador, ele ressignifica o fazer docente, ou seja, exprime, traduz a opção política do professor, que deve ser a de transformar a realidade construindo uma nova.

Freire (1996, p. 99) alerta que “Do ponto de vista dos interesses dominantes, não há dúvida de que a educação deve ser uma prática imobilizadora e ocultadora de verdades.” No entanto, o professor crítico progressista conhece a falta de neutralidade da educação e denuncia a ideologia dominante por meio da sua prática.

O planejamento não só organiza como também dá sentido ao trabalho do professor, ou seja, aponta a direção, o rumo da prática docente a partir do momento em que ele percebe o estudante da EJA como protagonista da ação pedagógica, selecionando, ou criando situações de aprendizagens que visem à construção e a ampliação dos conhecimentos, reafirmando assim sua postura crítico progressista.

A improvisação, pelo contrário, desencadeia falhas, é um desrespeito com os estudantes e revela a insegurança ou falta de clareza do professor em relação ao seu referencial teórico. O fazer pedagógico, de acordo com a postura crítico progressista deve ser intencional, consciente do seu caráter formador. Nesse sentido, MANATA (2004) nos ajuda a pensar:

O planejamento didático deve, portanto, refletir não somente a problemática contextual – social, econômica, política e cultural – que envolve a escola, mas também todos os segmentos que dela fazem parte – os professores, os alunos, os pais, a comunidade – que interagem... Ao planejar o homem pensa e, ao pensar, desenvolve também a criatividade, pois quando se pensa uma ação ela passa, evidentemente, por uma análise crítica, o que contribui para diminuir a improvisação. (MANATA, 2004, p. 15)

Percebendo o planejamento como síntese de múltiplas determinações, e tendo consciência da dimensão dos desafios enfrentados pelos/as professores/as

todos os dias diante de condições de trabalho, na maioria das vezes desfavoráveis, sentiu-se a necessidade de identificar os fatores que interferem na realização do planejamento didático pedagógico. Para tanto foi realizada uma entrevista semiestruturada com as professoras da EJA da escola na qual foi realizado o estágio curricular do 7º semestre do curso de pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

#### 4.1 QUADRO RESUMO DA ENTREVISTA REALIZADA COM AS PROFESSORAS DA EJA

| Perguntas                | 1 – Qual sua carga horária de trabalho semanal? Tempo de magistério? Tempo na EJA? | 2 – Qual sua formação inicial? Você tem formação específica para EJA?                                    | 3 – Na sua formação continuada, a EJA foi contemplada? De que forma?   | 4 - Sua remuneração é satisfatória? Conheces o plano da tua carreira?   |
|--------------------------|--|--|--|---|
| Professoras <sup>4</sup> |  |  |  |   |
| 1                        | 60 horas.<br>20 anos de magistério.<br>13 na EJA.                                  | Magistério, Pedagogia-<br>educação infantil e<br>anos iniciais com duas<br>cadeiras de EJA               | Sim, com<br>formações<br>oferecidas pelas<br>prefeituras dos<br>municípios nos<br>quais trabalho.                      | Não.<br><br>Sim.  |
| 2                        | 60 horas.<br>20 anos de<br>magistério.<br>4 na EJA.                                | Magistério, Pedagogia-<br>séries iniciais, Pós em<br>supervisão escolar                                  | Sim, participei de<br>encontros<br>oferecidos pelo<br>Estado e<br>município.   | A remuneração é baixa.<br>Conheço os planos de<br>carreira estadual e<br>municipal.   |
| 3                        | 60 horas.<br>5 anos de<br>magistério.<br>5 na EJA.                                 | Pedagogia- séries<br>iniciais. Tenho somente<br>as formações<br>oferecidas pelo<br>município para a EJA. | Sim.<br>Estão procurando<br>meios de acabar<br>com a evasão,<br>repetência e se<br>preocupam com o<br>seu aprendizado. | Não, pois se fosse<br>satisfatória não<br>trabalharia 60 horas.<br>Ainda não tenho pleno<br>conhecimento do plano<br>de carreira. |
| 4                        | 60 horas.<br>3 anos de<br>magistério.<br>3 meses na EJA.                           | Magistério.<br><br>Não.  | Sim, através de<br>cursos, palestras e<br>vivências.   | Com certeza não.  |
| 5                        | Não informou.  | Magistério, Pedagogia-<br>séries iniciais.<br><br>Não.   | Não informou.  | Não.<br>Sim e precisa ser<br>reformulado com<br>urgência.   |

<sup>4</sup> Utilizarei o feminino ao longo da análise em respeito ao fato das professoras da EJA dessa escola serem todas mulheres.

| Perguntas   | 5 – Qual seu grau de satisfação com as condições de trabalho?   | 6 – O que é planejamento para você?<br><br>Qual a relevância do planejamento para o processo ensino-aprendizagem?   | 7 – Existe tempo para o planejamento dentro do horário de trabalho? Esse tempo é satisfatório? Você consegue utilizar esse tempo para o seu planejamento?  | 8- Quais os princípios orientadores do seu planejamento?<br><br>Qual o seu referencial teórico, autores utilizados?  |
|-------------|---|---|--|--|
| Professoras | 1   | Penso que já melhorou muito. Nossos alunos precisam ser mais valorizados e temos que saber desenvolver nosso planejamento atendendo as necessidades específicas de cada um, mas as formações não apontam nesse sentido. | É a organização do trabalho diário.<br><br>Para termos conhecimento de onde estamos, o que precisamos alcançar ou modificar ou o que já conseguimos realizar.  | Sim.<br><br>Ainda não. Pois falta espaço para planejamento em conjunto para que as disciplinas estejam integradas.<br><br>Sim.<br><br>Partir da realidade do aluno.<br><br>Paulo Freire, Madalena Freire, Fernando Gouvea, Ester Grossi, Alicia Fernandes e Celso Vasconcelos. |
| 2           | Faço o que gosto e estou em escolas que proporcionam condições e ambientes de convivência excelentes. | Planejamento é organização, é raciocínio lógico, é preparação.<br><br>O planejamento se faz importante e necessário para a organização do processo ensino/aprendizagem.   | Sim, tanto no Estado como no município há na carga horária do professor o planejamento.<br><br>Acredito que é satisfatório.<br><br>Sim.  | A realidade dos alunos, flexibilidade. Planejamento a longo, médio e curto prazo.<br><br>Não informou o referencial teórico.   |
| 3           | As condições de trabalho são boas, porém faltam alguns recursos materiais.                            | Planejamento é uma visão do trabalho, é a organização das idéias com foco nas dificuldades dos alunos e seus conteúdos específicos.<br><br>O planejamento é fundamental para o processo ensino/aprendizagem             | Existe um espaço muito curto de tempo para planejar, pois isto exige pesquisa, organização.<br><br>Não, pois sempre planejo em casa quando chego e nos finais de semana, pois devido ao pouco tempo para este fim, nem vale a pena começar uma idéia e não acabá-la. | Partir da realidade dos alunos e de suas dificuldades diárias.<br><br>Paulo Freire.  |



|   |  |  |  |   |
|---|--|--|--|---|
| 4 | Estou começando na EJA, até o presente momento estou satisfeita com as condições de trabalho.                            | É estudar o passar aos alunos, como passar e qual a necessidade individual.<br><br>Considero importante o planejamento (organização), pois não posso chegar à sala sem o plano. Preciso dessa estrutura para o desenvolvimento ensino/aprendizagem.  | Aqui na escola temos sim tempo disponível e é satisfatório.<br><br>Consigno, mas já criei por hábito também planejar fora da escola (final de semana).             | Quem é o meu aluno(realidade, histórico), o que ele deseja, o que eu ofereço(posso alterar).<br><br>Paulo Freire. |
| 5 | Regular. Não temos materiais específicos para a EJA, fica muito complicado planejar sem ter muitos subsídios e recursos. | Acredito que o planejamento na EJA deve ir ao encontro da realidade do aluno. Eles apresentam mais dificuldades (idade, visão, esquecimento, etc), então o planejamento deve ser feito pensando em tudo isso.<br><br>Sem um planejamento fica difícil ter um bom desenvolvimento no processo ensino/aprendizagem, o planejamento é muito importante. | Sim.<br><br>O que torna um pouco cansativo é que a maioria dos professores trabalham 60 horas, e na hora do planejamento muitos estão cansados.<br><br>Nem sempre. | Realidade do aluno, importância do que está sendo ensinado para a sua vida.<br><br>Paulo Freire.                  |

#### 4.2 ANÁLISE DAS RESPOSTAS DAS ENTREVISTAS

Antes de me deter à análise das respostas em si, acredito ser relevante mencionar a postura das professoras durante o preenchimento do questionário e apontar algumas dúvidas que surgiram durante a escrita. Houve troca de idéias entre as participantes da pesquisa em relação aos princípios orientadores do planejamento e aos autores utilizados. Neste momento eu perguntei se havia alguma dúvida e elas disseram que não estava claro para elas o que seriam princípios orientadores do planejamento. Então eu expliquei que quando eu formulei a pergunta pensei em elementos que se leva em consideração ao planejar, além das concepções pedagógicas do professor (análise da realidade, flexibilidade, clareza,

objetividade, intencionalidade). Uma professora perguntou se poderia ser a realidade do aluno e eu disse que sim.

Outra dúvida que surgiu foi sobre a relevância do planejamento, mas em relação ao significado da palavra “relevância”.

Duas questões que tocam o trabalho docente em pontos delicados: semântica e clareza de referencial teórico e do vocabulário específico da área da educação. Desconhecer o significado de palavras que se usa pouco no cotidiano é compreensível, mas não ter convicção do autor/referencial teórico que embasa a prática pode significar falta de intencionalidade no trabalho docente e implicar numa prática vazia de significado e, portanto, ineficaz no sentido da reflexão sobre a realidade.

Na parte inicial da folha da entrevista coloquei como opcional o preenchimento dos campos Nome e Idade. Duas pessoas não preencheram o campo do nome e dentre estas uma deixou em branco os campos idade, tempo de magistério, tempo de magistério na EJA e a carga horária de trabalho semanal.

Em relação a este fato pode-se pensar o motivo pelo qual 40% das professoras entrevistadas não quiseram se identificar mesmo sendo esclarecido no Termo de Consentimento Informado o anonimato dos sujeitos da pesquisa e a submissão das informações às normas éticas de pesquisa, assim como os objetivos estritamente acadêmicos do estudo. O que se deseja ocultar? O que se pensa sobre? Ou talvez o que se desconhece em relação ao planejamento didático pedagógico?

O meu objetivo ao elaborar a questão de número 1 do quadro acima foi o de verificar se a jornada de trabalho das professoras poderia de alguma forma influenciar na disposição para a elaboração do planejamento pedagógico, já que esta é uma atividade que exige um esforço mental considerável e, não raro, pesquisa.

Analisando as respostas se constata que 80% das entrevistadas trabalham 60 horas semanais. Esse fator é relevante quando se pensa nas condições físicas e emocionais que se encontram essas profissionais não só no momento do planejamento, mas também durante o trabalho docente. Se pensarmos na carga horária diária, são doze horas, três turnos de serviço e ainda existe o agravante do longo tempo longe de casa. Como será que alguém exausto e talvez com o pensamento na família planeja?

A questão de número 2 do quadro faz menção à formação dos professores da EJA. O objetivo era saber se a formação dera subsídios para esses profissionais atenderem às especificidades da EJA.

O fato é que 80% delas têm o magistério em nível médio e também 80% possuem o curso de pedagogia com ênfase nas séries ou anos iniciais, provavelmente voltada para as crianças, já que somente 20% mencionaram “cadeiras” (disciplinas) direcionadas à EJA no ensino superior.

O que se verificou foi que nenhuma professora tem formação específica para a EJA. Esse é um dado que diz muito sobre os atores do fenômeno EJA, pois existe a demanda de público para esta modalidade de educação, mas são raros os profissionais qualificados que estão em atividade nas escolas. Os professores da EJA desta instituição e quem sabe de muitas outras, têm limitações teóricas em relação às especificidades da EJA vinculadas à sua formação. Pode-se inferir que estar na EJA para esses profissionais envolveu mais a questão do aumento da renda já que a categoria sofre com a baixa remuneração e precisa, de algum modo, sustentar-se.

SAVIANI (2009) nos instiga a refletir sobre esse fato quando chama atenção para a indissociabilidade da questão da formação de professores do problema das condições de trabalho que envolve a carreira desses profissionais:

Com efeito, as condições precárias de trabalho não apenas neutralizam a ação dos professores, mesmo que fossem bem formados. Tais condições dificultam também uma boa formação, pois operam como fator de desestímulo à procura pelos cursos de formação docente e à dedicação aos estudos. (SAVIANI, 2009,p.153)

Nesse estudo, a formação em serviço foi verificada como a única forma de formação permanente, já que a esmagadora maioria das professoras trabalha 60 horas semanais e não dispõem de tempo para pós-graduação.

A garantia de uma formação consistente e de condições adequadas de trabalho depende de um grande desafio, apontado por SAVIANI (2009): do provimento de recursos financeiros correspondentes. Segundo o autor, somente quando os governos elegerem a educação como prioridade de desenvolvimento nacional é que se atingirão outros problemas do país, como saúde, segurança, desemprego, pobreza, infraestrutura de transporte, de energia, abastecimento, meio ambiente etc.

A questão de número 3 do quadro traz um debate importante no que se refere à formação continuada. 80% das entrevistadas interpretaram formação continuada somente como formação em serviço (neste caso, encontros, palestras organizadas pela secretaria de educação do município) e quando a pergunta foi elaborada pensou-se não só em formação em serviço, mas também na formação acadêmica em nível de pós-graduação específica em EJA.

Neste sentido, FONSECA (2008) nos ajuda a pensar e entender melhor as interfaces do planejamento no trabalho docente.

É comum a utilização das mesmas aulas, com as mesmas folhinhas e probleminhas propostos às criancinhas (inadequadas já à educação de crianças e adolescentes) em uma aula cujos educandos/as são adolescentes expulsos do diurno e/ou de jovens e adultos trabalhadores/as. As formações – continuada e em serviço – ainda não constituem rotina nas redes como avanço na qualidade da formação das trabalhadoras docentes da Educação de Jovens e Adultos – seja prosseguindo a escolarização em nível de pós-graduação, seja como sistemática de reflexão sobre a prática docente. Uma totalidade que articula pouca formação acadêmica, intensificação da jornada de trabalho, precária autonomia no processo de trabalho, por óbvio, uma relação absolutamente vulnerável na apreensão de conhecimento. Há que prestarmos atenção na suscetibilidade das professoras na EJA (e das redes como um todo) às doenças do trabalho, provocadas pela ruptura no desejo de exercer a docência com qualidade, cerceamento que desprestigia o trabalho docente. A repetição por anos a fio dessa realidade cotidiana pode tornar-se um ingrediente no chamado “mal estar docente” ou “síndrome da desistência” – desistência da/na escola, as primeiras colegas abrem mão do trabalho docente, abandonam o magistério; e as outras professoras desistem no trabalho docente, indo à escola todo o dia, automaticamente; depressivas, sem tesão, rebaixando sua estima e repercutindo na possibilidade de apreender com sua turma. ( FONSECA, 2008, p. 95)

O que eu desejo destacar é que não basta a vontade individual para que um trabalho de qualidade seja posto em prática, como estamos vendo, elementos como as condições de trabalho, o tempo para o planejamento, a base teórica/formação estão intimamente ligados a esse processo. Ao mesmo tempo, a permanência do estudante da EJA com sucesso na escola depende de um fazer pedagógico engajado, logo, é preciso pensar alternativas para esse impasse.

Na questão 4 do quadro, 100% das professoras entrevistadas dizem que a remuneração do professor não é satisfatória e 20% ainda relaciona o baixo salário à extensa jornada de trabalho. Em relação ao plano de carreira, 60% das entrevistadas dizem que o conhecem e dentre essas, 20% mencionam que ele precisa ser reformulado, 20% diz ainda que não tem pleno conhecimento do plano e 20% não informou.

Aqui se pode pensar na questão da luta por salários mais justos, esforço que envolve não só tempo físico para tal, mas também a clareza das condições que se

tem, pois a constatação dá instrumentos para a ação, mas quando não há esse conhecimento por parte dos principais interessados e nem tempo disponível para se refletir e lutar em prol da questão, já que a maioria trabalha 60 horas semanais, fica difícil da categoria se articular.

A questão 5 do quadro trás à tona uma contradição. Quando formulei, pensei nas condições de trabalho tanto em nível municipal, quanto em nível escolar, no entanto 100% das professoras se limitaram somente à esfera da escola mencionando a falta de recursos e ambientes agradáveis de convivência. Condições de trabalho para elas não envolvem então a questão salarial, plano de saúde, vale transporte? Que critérios foram utilizados para responder esta questão? Então o poder público só tem a responsabilidade de enviar verbas para materiais escolares? No entanto todas elas estão insatisfeitas com a remuneração...

Acreditando na importância do planejamento para o sucesso do processo ensino/aprendizagem, confesso que minhas expectativas em relação às respostas da questão 6 do quadro eram enormes. Os dados revelam que as professoras têm consciência da relevância desse elemento do trabalho docente, pois 20% das entrevistadas disseram que o planejamento é fundamental para o processo ensino/aprendizagem, 40% disseram ser importante e 20%, muito importante. Em relação à definição, 80% das professoras mencionaram que o planejamento pedagógico é a organização do trabalho docente e 20% mencionou o que eu considero um dos pressupostos do planejamento que é a consideração da realidade do estudante.

Para as professoras da EJA dessa instituição planejar é importante para que se possa: fundamentalmente “organizar o trabalho docente”, mas quero chamar atenção para a resposta de uma das docentes, a qual mencionou que o planejamento é importante “Para termos conhecimento de onde estamos, o que precisamos alcançar ou modificar ou o que já conseguimos realizar”. Penso que essa resposta é a que mais se aproxima da concepção de planejamento na qual eu acredito porque sinaliza o caráter político desse elemento quando ela escreve: “o que precisamos alcançar ou modificar”. Essa resposta é a única que traz o elemento “ação” como parte constituinte do planejamento.

GANDIN (2007) nos ajuda a refletir nesse sentido quando diz que, ao planejar, deve-se ter a consciência de que a elaboração é apenas um dos aspectos

do processo, executar e avaliar constitui a ação que temos em vista no planejamento.

Nessa perspectiva o autor define planejamento não só como a organização da ação do trabalho docente, mas também como forma de transformação da realidade numa direção escolhida, como um processo de intervenção na realidade no qual se decide que tipo de sociedade e de homem se quer e que tipo de ação educacional se faz necessária para isso.

A questão 7 diz respeito ao tempo disponível para o planejamento. E 100% das entrevistadas dizem que existe este tempo dentro da carga horária de trabalho, porém 40% delas dizem que esse tempo não é satisfatório, pois não dá conta de um planejamento coletivo para integrar os conteúdos e exige pesquisa. 20% das professoras mencionaram o cansaço na hora do planejamento, já que trabalham 40 horas semanais e 40% delas disseram que não conseguem planejar no tempo disponível ou que nem sempre conseguem.

A questão de número 8 tenta dar conta dos princípios orientadores do planejamento assim como do referencial teórico utilizado pelas professoras. Ela foi respondida coletivamente pelo grupo, já que houve dúvidas e consulta entre as participantes e, não por acaso, a realidade dos estudantes como princípio orientador foi citada em 100% das respostas e Paulo Freire, como autor referência, apareceu em 100% das respostas preenchidas, pois 20% não preencheram a questão.

Retoma-se aqui a questão da ausência de formação específica para a EJA entre as professoras desta instituição. É importante pensar que tempo têm essas profissionais para se especializarem, já que trabalham três turnos diários? E a quem interessa que os profissionais da educação se especializem?

Sobre a formação do professor da EJA, SOARES (2008) traz pontos importantes:

Acreditamos ser necessário que, ainda em sua formação inicial, o educador do aluno jovem e adulto tome consciência da atual situação da EJA, no que se refere à sua própria construção como política pública, como responsabilidade e como dever do Estado. Seria interessante ressaltar também que, no momento da graduação, o profissional da EJA receba formação em teorias pedagógicas sobre a juventude e a vida adulta, a fim de conhecer e perceber o seu aluno como sujeito de direitos, respeitando seus saberes e sua realidade... É somente nas últimas décadas que o problema da formação de educadores para a EJA ganha uma dimensão mais ampla. Esse novo patamar em que a discussão se coloca, relaciona-se à própria configuração do campo da educação de jovens e adultos. (SOARES, 2008, p.63)

Dialogando com a autora SOUZA, da Universidade de São Paulo que escreveu em 2006 o artigo sobre sua pesquisa que teve por objetivo oferecer detalhada análise crítica dos principais programas educacionais implementados pela Secretaria Estadual de Educação do estado de São Paulo (SE) entre os anos de 1982 e 1994, especialmente de suas propostas de formação continuada de professores (segundo a autora, no formato de cursos, seminários, encontros, conferências e em nível superior. Além dos convênios, as próprias secretarias, por meio de seus órgãos centrais e intermediários, também têm assumido a tarefa de 'capacitar', 'reciclar', 'melhorar a competência' dos agentes escolares, sejam eles professores, diretores, coordenadores ou supervisores) é possível constatar que as políticas educacionais restringem a melhoria da qualidade do ensino às políticas de formação continuada dos professores, mais uma vez colocando o conhecimento técnico do professor em dúvida e tentando achar um culpado para os males da educação.

A autora critica ainda o fato do argumento da incompetência dos professores ser utilizado pelo poder público como estratégia de se desresponsabilizar por tudo que não vai bem na educação em detrimento da promoção de projetos mais amplos e efetivos para a melhoria da qualidade do ensino.

A cada resposta analisada se verificam elementos que influenciam significativamente na hora de organizar a ação educativa. Por isso quero chamar atenção para algumas respostas que reiteram o que eu venho abordando neste trabalho:

“...temos que saber desenvolver nosso planejamento atendendo as necessidades específicas de cada um, mas as formações não apontam neste sentido.”

Nesta afirmação é possível verificar a preocupação dessa professora no que diz respeito ao método ou estratégias a serem utilizadas com os estudantes da EJA e ainda evidencia a falta de funcionalidade das formações oferecidas pela Secretaria Municipal de Educação uma vez que nenhuma das professoras entrevistadas tem formação inicial específica para EJA.

“... sempre planejo em casa quando chego e nos ficais de semana, pois devido ao pouco tempo para este fim, nem vale a pena começar uma idéia e não acabá-la.”

O tempo previsto para o planejamento dentro da carga horária da professora é tão pequeno que ela precisa utilizar o seu tempo de repouso para fazê-lo. É oportuno pensar: Que outra categoria de profissionais realiza em casa tarefas do trabalho sem ser remunerados por isso? De acordo com FREIRE (1996, p.66) “A luta dos professores em defesa de seus direitos e de sua dignidade deve ser entendida como um momento importante de sua prática docente, enquanto prática ética.”

Planejar: “É estudar o passar aos alunos, como passar...”

Nessa resposta está implícita a concepção de ensino como transmissão de conhecimento tão refutada por FREIRE (1996). O professor progressista deve ter consciência da inconclusão do ser humano e de que também se aprende enquanto se ensina. Penso que a concepção de ensino está intimamente ligada à formação inicial. Se esta professora tem essa visão de educação é porque, certamente ela não entrou em contato com os escritos de FREIRE. Então me pergunto: Como dar aula para a EJA sem ler o grande mestre Paulo Freire?



## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: UMA EMPÍRIA ENGAJADA

Primeiramente é preciso descrever a situação de privilégio que dos estudantes de pedagogia durante o processo de estágio curricular do 7º semestre. Nós nos reuníamos semanalmente na FACED – Faculdade de Educação – numa disciplina chamada Seminário de Prática Docente em EJA com duas professoras especialistas em Educação de Jovens e Adultos. Nossos encontros tinham um caráter reflexivo e formador, uma vez que discutíamos sobre dúvidas surgidas, sobre estratégias para auxiliar o processo ensino/aprendizagem, sobre as leituras sugeridas pelas professoras, enfim, havia um espaço e tempo físico para se pensar o fazer docente.

Sabendo da dificuldade do/a professor/a em exercício encontrar tempo para realizar tais reflexões é preciso encontrar alternativas para ressignificar e dar sentido ao fazer docente e é nessa perspectiva que trago pontos positivos da minha experiência de estágio curricular docente.

Não é por acaso que o meu trabalho com a turma se deu em torno do tema da “Metamorfose” no seu sentido amplo, mas profundo, ou seja, a transformação das estruturas do pensamento, das atitudes, dos comportamentos, a transformação da natureza, dos materiais, dos fatos em relação ao tempo, enfim, da transformação da vida e de tudo que nos rodeia.

A concepção teórica da pedagogia de resistência à opressão do grande mestre Paulo Freire embasou em todos os momentos a minha prática, pois acredito que não só, mas também a educação é veículo para uma transformação social e econômica efetiva da sociedade.

Para que os sujeitos percebessem que o mundo histórico e cultural é uma realidade criada e por isso transformável que, como as pessoas, ele está em constante processo de modelação por ações humanas que podem ser as ações deles surgiu a idéia desta proposta de trabalho.

Como eu não tinha uma prévia experiência com turmas de jovens e adultos, uma estratégia de planejamento foi-se delineando no decorrer dos trabalhos: eu utilizava as pistas dadas pelos alunos em relação as suas limitações como instrumento de reflexão, as quais assumiam um caráter organizador para reencaminhar o meu fazer pedagógico.

Em outras palavras, os próprios alunos me ajudavam a planejar as aulas – foram assim os protagonistas do meu fazer docente – com suas falas, atitudes, preferências e interação professor/aluno. No início sem perceber, e depois se dando conta disto, os alunos intervinham constantemente na minha prática docente. A escolha dos conteúdos a serem trabalhados foi coletiva e não unilateral e isso foi muito produtivo, pois os educandos superaram dificuldades que os angustiavam, eles aprendiam e ao mesmo tempo me ensinavam como dar aula para a EJA.

Para exemplificar, vou citar uma fala de um aluno em relação ao material escolhido para trabalhar as quatro operações:

“-Assim fica mais fácil de aprender.”

Essa fala influenciou no meu planejamento, pois foi um indício de que os materiais concretos (material Dourado e ábaco) poderiam continuar sendo utilizados com aquela turma naquele momento da aprendizagem, já que eles mesmos estavam constatando que estavam ampliando seus conhecimentos.

Outra aluna disse:

“-Eu preciso aprender a escrever *certo*.”

O “certo” para ela era: sem equívocos ortográficos. Então eu propus uma série de atividades que ajudassem os estudantes a realizarem reflexões ortográficas através de exercícios produtivos para promover o aprimoramento lingüístico. E assim por diante fomos, juntos, professor e educandos decidindo o que era mais urgente aprender em cada momento.

Por tudo isso, quero destacar a importância da forma como o planejamento didático pedagógico se concretiza em detrimento da sua burocratização no trabalho docente. Planejar não é preencher linhas com conteúdos, objetivos, estratégias, recursos e avaliação, pois de acordo com MANATA (2004, p.17) “[...] Um plano não pode e não deve ser apenas uma representação abstrata da realidade, pois o esforço despendido para o programar deve estar intrinsecamente ligado ao esforço a ser despendido para o agir.”

Reitero que o planejamento didático pedagógico é imprescindível porque a prática pedagógica não pode sustentar-se em improvisos sob pena do trabalho docente tornar-se sem sentido para os atores do processo ensino/aprendizagem.

E ainda: a sociedade moderna necessita de cidadãos ativos no processo de transformação da realidade atual, na maioria das vezes injusta e cruel com os sujeitos da educação popular. Para tanto é fundamental que o professor tenha

consciência do caráter político do seu papel como formador de pessoas, de parceiro na construção do saber e multiplicador de conhecimentos e, principalmente aja nesse sentido.

## REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Formação de Professores no Brasil (1990-1998). Síntese do conhecimento produzido sobre o tema.** Brasília-DF Realização: Comitê dos Produtores da Informação Educacional (Comped), Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) MEC/Inep/Comped 2002.

ARROYO, Miguel González. **Educação de Jovens e adultos:** um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia Gomes de Castro; GOMES, Nilma Lino (orgs.). Diálogos da Educação de Jovens e adultos. Belo Horizonte, Autêntica, 2007.

FONSECA, Laura Souza. EJA: lutas e conquistas! - a luta continua: formação de professoras em EJA. In: **Revej@ - Revista de Educação de Jovens e Adultos**, v. 3, nº3, p. 75 a 97, ago 2008. Disponível em [http://www.reveja.com.br/sites/default/files/REVEJ@\\_3\\_completa.pdf](http://www.reveja.com.br/sites/default/files/REVEJ@_3_completa.pdf). Acesso em 25 jun. 10.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação Como Prática da Liberdade.** SP: Paz e Terra, 1996.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **O Enfoque da Dialética Materialista Histórica na Pesquisa Educacional.** In: FAZENDA, Ivani (org.). Metodologia da Pesquisa Educacional. – 2ª ed. Aumentada – São Paulo: Cortez, 1991.

GAMBOA, Silvio. **Pesquisa em educação:** métodos e epistemologias. Chapecó, SC, Argos, 2007.

GANDIN, Danilo e CRUZ, Carlos Henrique Carrilho. **Planejamento na sala de aula.** Porto Alegre, 1995.

HADDAD, Sérgio. **Ensino supletivo no Brasil:** O Estado da Arte. Reduc - Rede Latino-Americana de Informação e Documentação em Educação. INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas educacionais. Brasília. 1987.

HADDAD, Sérgio. **Tendências Atuais na Educação de Jovens e adultos**. Em Aberto. Brasília, ano 11, n° 56, out./dez. 1992.

HADDAD, Sérgio e DI PIERRO, Maria Clara. **Aprendizagem de Jovens e Adultos: avaliação da década da educação para todos**. São Paulo em perspectiva 14 (1) 2000.

HARA, Regina. **Alfabetização de Adultos: ainda um Desafio**. São Paulo, SEDI, 1991.

LAFFIN, Maria Hermínia Lage Fernandes. **A Constituição da Docência na Educação de Jovens e Adultos**. – UFSC, GT: Educação de Pessoas Jovens e Adultas / n.18, 2007.

LOCH, Jussara Margareth de Paula. **Planejamento e Avaliação em EJA**. In: EJA: planejamento, metodologias e avaliação. Porto Alegre: Mediação, 2009.

MACHADO, Maria Margarida. Educação de Jovens e Adultos. In: **Em Aberto**, Brasília, v. 22, n. 82, p. 17 a 39, nov. 2009. Disponível em: [http://www.publicacoes.inep.gov.br/arquivos/%7B7D9C9F4C-9910-44B3-A32B-0602BD04A669%7D\\_miolemaberto82site.pdf](http://www.publicacoes.inep.gov.br/arquivos/%7B7D9C9F4C-9910-44B3-A32B-0602BD04A669%7D_miolemaberto82site.pdf). Acesso em 25 jun. 10.

MANATA, Dora Viana. Planejamento Docente, Questão de Didática. “Tenho tudo planejado na cabeça!” In; **Revista de Educação AEC**, Brasília, Ano 33, nº132p. 7 - 19, jul/set- 2004.

SOUZA, Denise Trento Rebello de. Formação continuada e professores e fracasso escolar: problematizando o argumento da incompetência. In: **Educação e Pesquisa**, v.32, nº3. São Paulo, set./dez. 2006. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022006000300004&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022006000300004&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 25 jun. 10.

SOARES, Leôncio. **Avanços e desafios na formação do educador de jovens e adultos**. In: Machado, Maria Margarida Formação de educadores de jovens e adultos / organizado por Maria Margarida Machado. — Brasília: Secad/MEC, UNESCO, 2008.

Sites Consultados:

<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.jsp>

<http://www.publicacoes.inep.gov.br/resultados.asp?subcat=2>

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)

## ANEXOS

Optou-se por digitalizar as entrevistas para que o leitor possa verificar a forma de construção original das pessoas entrevistadas.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
NÚCLEO INTERDISCIPLINAR DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS  
E ADULTOS

### ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Ao cumprimentá-lo/a apresentamos a entrevista semiestruturada como coleta de dados constituinte do empírico da pesquisa "O PLANEJAMENTO COMO PRÁTICA INDISPENSÁVEL PARA RESIGNIFICAR E DAR SENTIDO AO TRABALHO DOS EDUCADORES JUNTO À EJA" realizada pela acadêmica GRACIELA DA SILVA MEIRELLES LEITE, estudante de Pedagogia da Faculdade de Educação da UFRGS.

#### Dados de identificação

Nome(opcional): \_\_\_\_\_

Idade(opcional): \_\_\_\_\_ Tempo de Magistério: \_\_\_\_\_

Tempo de Magistério na EJA: \_\_\_\_\_

Qual sua carga horária de trabalho semanal: \_\_\_\_\_

1. Qual sua formação inicial? Você tem formação específica para a EJA?

*Magistério / Pedagogia séries iniciais - Não*

2. Na sua formação continuada, a EJA foi ou é contemplada? De que forma?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

3. Sua remuneração é satisfatória? Conheces o plano da tua carreira?

*Não. Sim e precisa ser reformulado com urgência.*

4. Qual seu grau de satisfação com as condições de trabalho? O que poderia melhorar?

Regular. Não temos materiais específicos p/ EJA, fica muito complicado planejar sem ter muitos subsídios e recursos.

5. O que é Planejamento para você?

Acredito que o planejamento na EJA deve ir ao encontro da realidade do aluno. Os alunos apresentam mais dificuldades (idade, visão, esquecimento, etc) então o planejamento deve ser feito pensando em tudo isto.

6. Qual a relevância do Planejamento pedagógico para o processo ensino/aprendizagem?

Sem um planejamento fica difícil ter um bom desenvolvimento no processo ensino-aprendizagem, o planejamento é muito importante.

7. Existe tempo disponível para o Planejamento docente dentro do horário do trabalho do professor? Se existe, esse tempo é satisfatório?

Sim. O que torna um pouco consustante é que a maioria dos prof<sup>s</sup> trabalham 60 hs, e na hora do planejamento muitas estão cansadas.

8. Você consegue utilizar esse tempo para o seu Planejamento?

Sim sempre.

9. Quais os princípios orientadores do seu Planejamento?

\* Realidade do aluno  
\* Importância do que está sendo ensinado  
p/ a sua vida

10. Qual o seu Referencial Teórico, autores utilizados?

Paulo Freire



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
NÚCLEO INTERDISCIPLINAR DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS  
E ADULTOS

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Ao cumprimentá-lo/a apresentamos a entrevista semiestruturada como coleta de dados constituinte do empírico da pesquisa "O PLANEJAMENTO COMO PRÁTICA INDISPENSÁVEL PARA RESIGNIFICAR E DAR SENTIDO AO TRABALHO DOS EDUCADORES JUNTO À EJA" realizada pela acadêmica GRACIELA DA SILVA MEIRELLES LEITE, estudante de Pedagogia da Faculdade de Educação da UFRGS.

Dados de identificação

Nome(opcional): \_\_\_\_\_  
Idade(opcional): 35 Tempo de Magistério: 3 anos  
Tempo de Magistério na EJA: 3 meses  
Qual sua carga horária de trabalho semanal: 60 horas

1. Qual sua formação inicial? Você tem formação específica para a EJA?

Magistério. Não  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

2. Na sua formação continuada, a EJA foi ou é contemplada? De que forma?

Sim, através de cursos, palestras, vivências.  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

3. Sua remuneração é satisfatória? Conheces o plano da tua carreira?

bem certeza não.  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

4. Qual seu grau de satisfação com as condições de trabalho? O que poderia melhorar?

Estou começando na EJA, até o presente momento estou satisfeita com as condições de trabalho (relação prof.<sup>o</sup> aluno)  
A remuneração

5. O que é Planejamento para você?

É estudar e passar aos alunos, como passar e qual a necessidade individual

6. Qual a relevância do Planejamento pedagógico para o processo ensino/aprendizagem?

Considero importante o planejamento (organização), pois não posso chegar na sala sem o plano. Necessito sim desta estrutura para o desenvolvimento do ensino/aprendizagem

7. Existe tempo disponível para o Planejamento docente dentro do horário do trabalho do professor? Se existe, esse tempo é satisfatório?

Aqui na escola temos sim tempo disponível e é satisfatório

8. Você consegue utilizar esse tempo para o seu Planejamento?

Conseguo mas já vii por hábito também planejar fora da escola (final de semana)

9. Quais os princípios orientadores do seu Planejamento?

Quem é o meu aluno (realidade, histórico)  
O que ele deseja  
O que eu ofereço - O que eu planejo  
Como eu ofereço - Como alterar  
Como ele desenvolve -

10. Qual o seu Referencial Teórico, autores utilizados?

Piulo Freire

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
NÚCLEO INTERDISCIPLINAR DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS  
E ADULTOS

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Ao cumprimentá-lo/a apresentamos a entrevista semiestruturada como coleta de dados constituinte do empírico da pesquisa "O PLANEJAMENTO COMO PRÁTICA INDISPENSÁVEL PARA RESIGNIFICAR E DAR SENTIDO AO TRABALHO DOS EDUCADORES JUNTO À EJA" realizada pela acadêmica GRACIELA DA SILVA MEIRELLES LEITE, estudante de Pedagogia da Faculdade de Educação da UFRGS.

Dados de identificação

Nome(opcional): \_\_\_\_\_  
Idade(opcional): 34 anos Tempo de Magistério: 05 anos  
Tempo de Magistério na EJA: 05 anos  
Qual sua carga horária de trabalho semanal: 60 h

1. Qual sua formação inicial? Você tem formação específica para a EJA?

Pedagogia - séries iniciais.  
Tenho somente as formações pedagógicas  
oferecidas pelo Município para a EJA.

2. Na sua formação continuada, a EJA foi ou é contemplada? De que forma?

Sim, pois estão procurando meios  
para acabar com a evasão, repetência  
dos alunos, assim como se preocupam com  
o seu aprendizado.

3. Sua remuneração é satisfatória? Conheces o plano da tua carreira?

Não, pois se fosse satisfatória não  
trabalharia 60h.  
Ainda não tenho pleno conhecimento  
do plano de carreira.

4. Qual seu grau de satisfação com as condições de trabalho? O que poderia melhorar?

As condições de trabalho são boas, porém faltam alguns recursos materiais.

5. O que é Planejamento para você?

Planejamento é uma visão do trabalho, é a organização das ideias com foco nas dificuldades dos alunos e seus conteúdos específicos.

6. Qual a relevância do Planejamento pedagógico para o processo ensino/aprendizagem?

O Planejamento é fundamental para o processo de ensino/aprendizagem.

7. Existe tempo disponível para o Planejamento docente dentro do horário do trabalho do professor? Se existe, esse tempo é satisfatório?

Existe um espaço muito curto de tempo para planejar, pois isto exige pesquisa, organização.

8. Você consegue utilizar esse tempo para o seu Planejamento?

Não, pois sempre planejo em casa quando chego e nos finais de semana, pois devido ao pouco tempo para este fim, nem vale a pena começar uma ideia e não acabá-la.

9. Quais os princípios orientadores do seu Planejamento?

\* A partir da realidade dos  
alunos e de suas dificuldades  
diárias

10. Qual o seu Referencial Teórico, autores utilizados?

\* Paulo Freire  
\* Fernando Gouveia.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
NÚCLEO INTERDISCIPLINAR DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS  
E ADULTOS

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Ao cumprimentá-lo/a apresentamos a entrevista semiestruturada como coleta de dados constituinte do empírico da pesquisa "O PLANEJAMENTO COMO PRÁTICA INDISPENSÁVEL PARA RESIGNIFICAR E DAR SENTIDO AO TRABALHO DOS EDUCADORES JUNTO À EJA" realizada pela acadêmica GRACIELA DA SILVA MEIRELLES LEITE, estudante de Pedagogia da Faculdade de Educação da UFRGS.

Dados de identificação

Nome(opcional): \_\_\_\_\_  
Idade(opcional): 36 anos Tempo de Magistério: 20 anos  
Tempo de Magistério na EJA: 4 anos  
Qual sua carga horária de trabalho semanal: 60 horas

1. Qual sua formação inicial? Você tem formação específica para a EJA?

Magistério, Pedagogia (séries iniciais/magistério) Pós em Supervisão Escolar

2. Na sua formação continuada, a EJA foi ou é contemplada? De que forma?

Sim. Participei de encontros na época oferecidos pelo estado e agora do município

3. Sua remuneração é satisfatória? Conheces o plano da tua carreira?

Sim conheço os planos de carreira estadual e municipal. Quanto a remuneração é baixa.

4. Qual seu grau de satisfação com as condições de trabalho? O que poderia melhorar?

Faço o que gosto e estou em escolas que proporcionam condições e ambientes de convivências excelentes.

5. O que é Planejamento para você?

Planejamento é organização, é raciocínio lógico, é preparação!

6. Qual a relevância do Planejamento pedagógico para o processo ensino/aprendizagem?

O planejamento pedagógico se faz importante na prática. Se faz necessário para a organização do processo ensino/aprendizagem.

7. Existe tempo disponível para o Planejamento docente dentro do horário do trabalho do professor? Se existe, esse tempo é satisfatório?

Sim. Tanto no estado e no município há na carga horária do professor o planejamento! Acredito que é satisfatório

8. Você consegue utilizar esse tempo para o seu Planejamento?

Sim



9. Quais os princípios orientadores do seu Planejamento?

- A realidade dos alunos
- Flexibilidade
- Planejamento a longo prazo, médio e curto prazo.

10. Qual o seu Referencial Teórico, autores utilizados?

---

---

---

---

---

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
NÚCLEO INTERDISCIPLINAR DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS  
E ADULTOS

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Ao cumprimentá-lo/a apresentamos a entrevista semiestruturada como coleta de dados constituinte do empírico da pesquisa "O PLANEJAMENTO COMO PRÁTICA INDISPENSÁVEL PARA RESIGNIFICAR E DAR SENTIDO AO TRABALHO DOS EDUCADORES JUNTO À EJA" realizada pela acadêmica GRACIELA DA SILVA MEIRELLES LEITE, estudante de Pedagogia da Faculdade de Educação da UFRGS.

Dados de identificação

Nome(opcional): \_\_\_\_\_  
Idade(opcional): 42 a Tempo de Magistério: 20 anos  
Tempo de Magistério na EJA: 13 anos  
Qual sua carga horária de trabalho semanal: 60h.

1. Qual sua formação inicial? Você tem formação específica para a EJA?

\*Magistério  
\*Pedagogia Ed. Inf. e anos iniciais (ULBRA)  
c/ 2 cadeiras de EJA.  
\*Várias Formações continuada oferecidas pelas  
Prefeituras de Esteio e Sapucaia do Sul em EJA  
com base Paulo Freire e Pesquisa Sócio Antropológica.  
Educação Popular

2. Na sua formação continuada, a EJA foi ou é contemplada? De que forma?

Sim, com formações específicas voltadas para  
o tempo e o espaço de cada um, bem como o  
planejamento e o material didático a  
ser utilizado.

3. Sua remuneração é satisfatória? Conheces o plano da tua carreira?

Não.  
Sim.  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

4. Qual seu grau de satisfação com as condições de trabalho? O que poderia melhorar?

Penso que já melhorou muito, mas ainda precisamos avançar no sentido da Inclusão pois nossos alunos precisam ser mais valorizados e temos que saber desenvolver nosso planejamento atendendo as necessidades específicas de cada um. Mas as formações ainda estão muito →

5. O que é Planejamento para você?

É a organização do Trabalho diário.

6. Qual a relevância do Planejamento pedagógico para o processo ensino/aprendizagem? Sim.

Para termos conhecimento de onde estamos, o que precisamos alcançar ou modificar ou o que já conseguimos realizar.

7. Existe tempo disponível para o Planejamento docente dentro do horário do trabalho do professor? Se existe, esse tempo é satisfatório?

Sim. Ainda não. Pois falta espaço para planejamento em conjunto para que as disciplinas estejam integradas.

8. Você consegue utilizar esse tempo para o seu Planejamento?

Sim.

4. Qual seu grau de satisfação com as condições de trabalho? O que poderia melhorar?

Volta das para o Convencimento da Inclusão no Espaço escolar, que especificamente compreender que ~~as habilidades~~ vão despertar conhecimentos em nossos educandos.

3. O que é Planejamento para você?

2. Qual a relevância do Planejamento pedagógico para o processo ensino-aprendizagem?

1. Existe tempo disponível para o Planejamento docente dentro da rotina de trabalho do professor? Se existe, esse tempo é satisfatório?

8. Você consegue utilizar esse tempo para o seu Planejamento?

9. Quais os princípios orientadores do seu Planejamento?

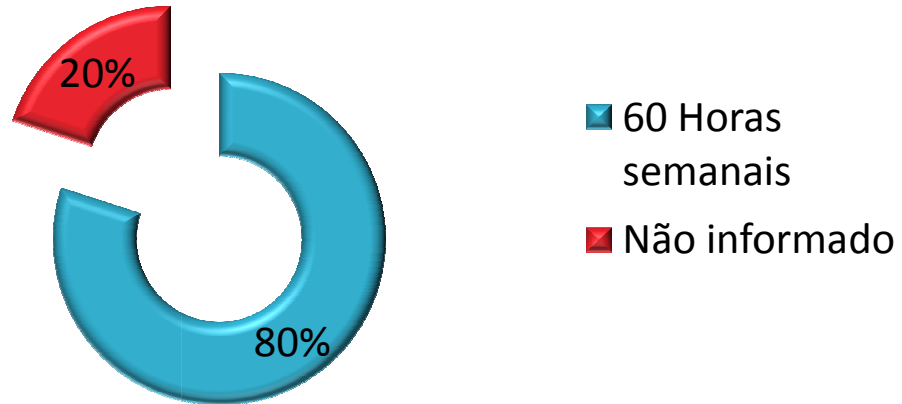
Partir da realidade do aluno.

10. Qual o seu Referencial Teórico, autores utilizados?

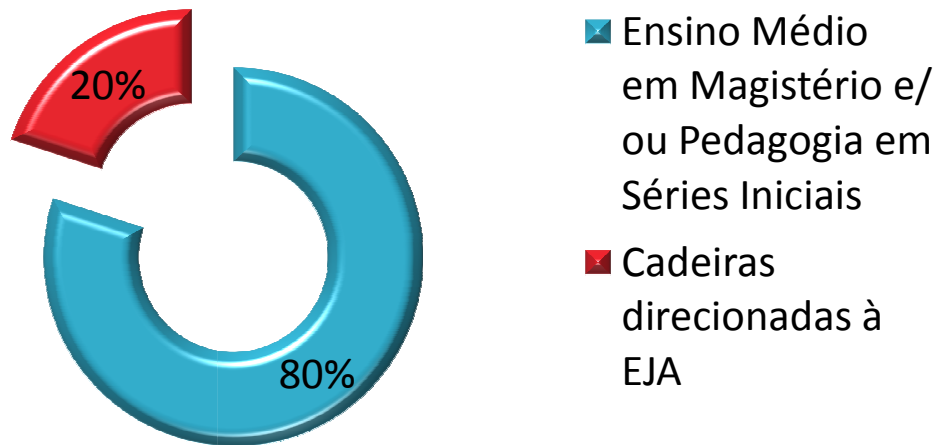
Paulo Freire, Madalena Freire, Fernando Gouvêa,  
Ester Gross, Alicia Fernández, Celso Vasconcellos.

## Síntese dos Dados

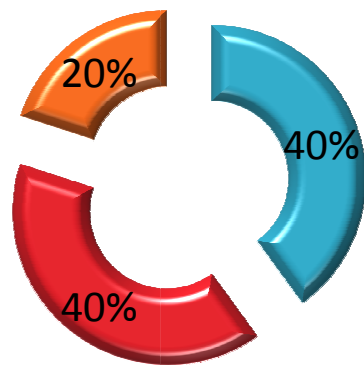
### Jornada de Trabalho



### Formação



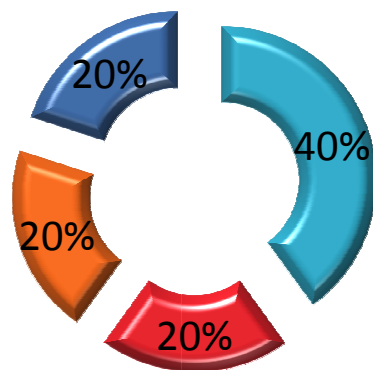
## Tempo Disponível para o Planejamento



■ Satisfatório

■ Nem sempre conseguem planejar

## Relevância do Planejamento



■ Importante

■ Muito Importante

■ Fundamental

■ Não Informado

## Análise possível baseada nos dados coletados a partir das entrevistas:

Fatores favoráveis ao Planejamento

Fatores que estão na contramão do Planejamento

